

EDUCAÇÃO INTEGRAL E TRANSDISCIPLINARIDADE
– CONSTRUINDO REDES E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL,
EM COMUNIDADES DE BAIXA RENDA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO –

Por

VANDA APARECIDA ORENHA

FSJT, Rio de Janeiro, vorenha638@gmail.com

Orientadora: Prof^a. CAMILA ALOISIO ALVES

Orientadora, FSJT, Rio de Janeiro, camila@unipazrj.org.br

Rio de Janeiro, Agosto de 2012



A teia da aranha é o símbolo do presente Artigo, é a demarcação do processo de um aprendizado coletivo, voltado para lideranças comunitárias, na perspectiva de Educação Integral, construção de redes e desenvolvimento sustentável. Ela lembra que a comunidade necessita proteger o indivíduo, ameaçado pela fragmentação da vida moderna, reforçando as teias das relações humanas, a única capaz de apoiar os seres humanos em sua singularidade.

“Os analfabetos do futuro não serão aqueles que não sabem ler ou escrever, mas aqueles que não sabem aprender, desaprender e reaprender” (Alvin Toffer)

RESUMO

O presente artigo científico é requisito parcial para obtenção do certificado de especialista na Abordagem Transdisciplinar Holística, do Curso de Pós-Graduação lato sensu da Faculdade de São Judas Tadeu, e busca relacionar a experiência prática da autora, com os conteúdos da formação acadêmica.

Apresenta os resultados do trabalho realizado numa abordagem transdisciplinar em comunidades de baixa renda, localizadas na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, resgatando as potencialidades do contexto social e valorizando as vivências socioculturais com lideranças locais, articulando o conteúdo da formação, com a metodologia da Terapia Comunitária.

O paradigma que orienta o artigo está alicerçado na concepção de Educação Integral voltada para a paz, proposta pela UNIPAZ, cujos aportes referem-se às quatro funções do ser humano: sensação, emoção, pensamento e intuição, cujas dimensões incorporam uma visão holística, numa perspectiva transdisciplinar.

PALAVRAS CHAVES: Educação Integral/ Transdisciplinaridade/ Terapia Comunitária/ Visão Holística/ Liderança Integral.

I – INTRODUÇÃO

A formação das favelas no município do Rio de Janeiro marcou historicamente a ocupação do espaço no solo urbano, numa estrutura geológica constituída por morros. Falar dos processos de socialização dos moradores das favelas é também reconhecer a relevância das comunidades de baixa renda, na formação da identidade sociocultural da cidade.

Segundo dados do Instituto Pereira Passos¹, os chamados “aglomerados subnormais” (definição do IBGE), representam quase um terço da população carioca. Hoje são 1.081 áreas consideradas subnormais (assentamentos irregulares, conhecidos como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros)

Todavia, no senso comum e, na mídia em geral, ainda persistem visões preconceituosas que contribuem, sobremaneira, para reforçar a exclusão social que sofrem os moradores dessas comunidades.

A falta de políticas sociais públicas articuladas e a violência de forma geral são fatores desagregadores dos moradores das favelas, num contexto de empobrecimento dos laços afetivos, provocando a destruição dos laços sociais.

No contexto das grandes cidades, são nas favelas que se engendram as várias facetas das contradições societárias, revelando uma realidade social extremamente dinâmica, onde novas demandas e expressões da questão social,

¹ Instituto Pereira Passos - órgão vinculado à Secretaria Municipal de Urbanismo, da Prefeitura do Rio, que organiza dados sobre favelas: <http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/> . Ver conceito IBGE, através do site: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias>

acentuam o quadro estrutural da exclusão de inúmeras famílias que vivem nos bolsões de pobreza.

A formação de uma cultura da memória afirmativa acerca dos grupos sociais que cada cidadão se identifica é, sem dúvida, uma condição essencial para o exercício da cidadania, mobilizando os recursos e competências culturais locais e a criação de redes de proteção e inclusão social.

Outro indicador importante de cidadania refere-se ao acesso efetivo às múltiplas atividades culturais, consideradas insumos importantes, tanto para o bom desenvolvimento global, quanto para as aprendizagens das habilidades e códigos necessários para a entrada e sucesso no mundo do trabalho, tais como: saber expressar-se e comunicar-se; saber interagir com os diferentes contextos socioculturais; consumir e utilizar as diversas linguagens, se apropriar da “Era da Informação”.

Corroborando com a perspectiva da defesa dos direitos à cidadania, investir na capacitação de lideranças locais, em comunidades de baixa renda do município do Rio de Janeiro é um importante caminho para o resgate dos vínculos comunitários, permitindo a construção de redes locais de desenvolvimento sustentável, reforçando e potencializando seu patrimônio sociocultural.

Assim, a proposta e os resultados apresentados no presente artigo, nasceram, a partir da experiência prática da autora, cuja formação em Serviço Social, sempre trabalhou ao longo de sua trajetória, com famílias em situação de vulnerabilidade e risco social, no contexto das favelas da cidade.

Somada a essa vivência, destaca-se a experiência de formação na UNIPAZ/ Rio, que permitiu integrar conhecimentos acerca de uma Educação Integral voltada

para a Paz, através da perspectiva da abordagem transdisciplinar, ampliando os horizontes no trabalho comunitário realizado.

Articulada à transdisciplinaridade, a metodologia da Terapia Comunitária foi desenvolvida com lideranças locais das favelas, permitindo o diálogo entre concepções e práticas, teorias e métodos, numa práxis educativa promotora de mudanças significativas da realidade social.

As comunidades da Zona Oeste da cidade foram escolhidas, como espaço de intervenção da proposta transdisciplinar e desenvolvimento da Terapia Comunitária, por se tratarem de favelas, cujas lideranças conseguiram ao longo dos anos, implementar um trabalho caracterizado pela participação popular.

Desta forma, todo processo de urbanização das comunidades contou com a participação efetiva de seus moradores, representada pelos diferentes atores que ali atuavam desde a sua formação histórica.

Na abordagem participativa utilizadas nas metodologias citadas, a comunidade é vista como parte da solução que deve ser buscada de forma conjunta por governos e sociedade, adotando a perspectiva integrada e sinérgica, baseada na corresponsabilidade, no diálogo e na complementaridade de todos os sujeitos.

Buscou-se enquanto proposta metodológica de trabalho, a experiência vivenciada pela profissional num Curso de Terapia Comunitária, realizado em Fortaleza/CE, em 2004, desenvolvido por um grupo de professores da Universidade Federal daquele Estado.

O curso em Terapia Comunitária e a metodologia transdisciplinar possibilitaram à profissional em questão, uma nova abordagem do trabalho

comunitário, utilizando-se ferramentas capazes de ampliar as potencialidades existentes no contexto social e valorizando-se as experiências socioculturais locais.

A aplicação das metodologias possibilitou a construção de um novo saber popular, fruto da vivência, visando contribuir para demonstrar que a favela é *locus* de produção de conhecimentos, de formação de lideranças, de construção de redes e vínculos afetivos que possam dar suporte às potencialidades de seus moradores, reativando o processo de ações coletivas.

A construção de redes locais necessita estar fincada nos dois pilares: a família e a comunidade. Os dois precisam estar articulados com o chamado território-processo, onde os diversos atores se interrelacionam assumindo competências e responsabilidades.

Adotou-se aqui, a concepção de território-processo elaborada por Mendes (1999; 166):

“A concepção de território-processo transcende à sua redução a uma superfície-solo e às características geofísicas, para instituir-se como território de vida pulsante, de conflitos, de interesses, de projetos e de sonhos. Esse território, então, além de um território-solo, é, ademais, território econômico, político e cultural”.

Assim, as redes locais necessitam incorporar todas as informações e diagnósticos realizados no âmbito do território-processo para que os diversos atores possam, a partir da realidade local, serviços já existentes e novas demandas, propor soluções para as questões sociais emergentes na comunidade.

Enfim, pretendeu-se criar dentro das comunidades, um espaço de expressões das mais diversas, lugar de diálogo e encontro de vocação e capacitação de lideranças integrais.

O objetivo foi reforçar os espaços afetivos entre as pessoas e procurar intervir como um comunicador preocupado em clarificar as mensagens, os não ditos e, sobretudo, ajudá-los a tomar consciência das implicações humanas na gênese das crises e conflitos, para que a comunidade pudesse se implicar na resolução dos seus problemas.

O indivíduo descobre que ele não está sozinho, isolado, perseguido, mas que ele pertence ao mundo, dos excluídos socialmente. Desta maneira, o problema deixa de ser um problema individual ou familiar e torna-se coletivo com a convicção que toda sociedade tem suas implicações e deve igualmente ser questionada e transformada.

Os problemas apresentados pelo grupo no desenvolvimento da Terapia Comunitária, articulada com a abordagem transdisciplinar, serviram como elementos mobilizadores de energias e investimentos. Assim, a intervenção se apóia nos valores da cultura local como as músicas, danças, cânticos, poesias, brincadeiras.

Neste sentido, as razões que justificaram a aplicação das metodologias foram alicerçadas na efetiva participação comunitária, tendo como foco:

- Adoção de métodos de organização e de abordagens mais simples e eficientes, além de mais apropriadas à cultura e ao território local;
- Contribui para uma maior união na comunidade, numa visão integral;
- Estimulo para novos esforços de desenvolvimento pessoal e social, de forma sustentável e construção de redes;

- Desperta o senso de responsabilidade pelo grupo de participantes;
- Garante uma ação que atenda as necessidades reais da comunidade;
- Valoriza e utiliza os conhecimentos e as competências locais;
- Torna as pessoas mais confiantes e menos dependentes da ação dos técnicos e do poder público;
- Agrega elementos de conscientização coletiva.

A concepção e prática metodológica do desenvolvimento da Terapia Comunitária estão alicerçadas em quatro grandes pilares: antropologia cultural, teoria da comunicação, teoria geral dos sistemas e resiliência, construída de forma coletiva com todos os atores envolvidos tendo como ponto de partida, a compreensão da lógica das comunidades atendidas.

A autora do artigo, a partir da formação feita na Unipaz/RJ ampliou a essa metodologia, a incorporação da abordagem transdisciplinar, por meio da construção coletiva, baseada na relação dialógica entre profissionais e lideranças locais.

A proposta concebeu, portanto, a reflexão teórica não como um ato gratuito e abstrato, mas ao contrário, como uma reflexão crítica a partir da realidade, desvendando-a, revelando suas contradições, alcançando níveis sempre mais elevados da prática social e comunitária.

A transdisciplinaridade enquanto teoria do conhecimento e abordagem metodológica foi desenvolvida nas comunidades de baixa renda, por meio de seus três pilares como definido por Basarab (1999: 54): os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade; possibilitando a articulação de conceitos apreendidos em sala de aula e o contexto de uma práxis social comprometida com a realidade, onde os profissionais estavam inseridos.

A relação entre teoria e prática permitiu o desenvolvimento das metodologias citadas, cujos resultados são apresentados no presente artigo, junto à Coordenação da UNIPAZ/ RJ.

E como reafirmado por Crema, corroboramos com a atualidade trazida pelo paradigma transdisciplinar, no mundo contemporâneo:

“É enfatizado, como o prefixo trans indica, que a transdisciplinaridade diz respeito ao que se encontra, ao mesmo tempo, entre, através e além das disciplinas, e visa compreensão do mundo atual, o que só pode ser logrado com a unidade do conhecimento... A base para a edificação de uma cultura transdisciplinar... **é uma nova educação, que considere todas as dimensões do ser humano**” (Crema, 2002; 52) – grifo da autora.

Associada ao contexto do trabalho realizado, na capacitação de lideranças foram também trazidas, as reflexões sobre os quatro pilares da Educação para o Século XXI, publicado pela UNIESCO, através do Relatório da Comissão Internacional, elaborado por Jacque Delors: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser.

O presente artigo apresenta, portanto, em seu eixo conceitual a discussão da Educação Integral, a partir de sujeitos históricos concretos e suas comunidades, onde são gestadas as lideranças integrais e o desenvolvimento local sustentável, através de um espaço transdisciplinar, transcultural, lugar de diálogo e de encontro das práticas solidárias, dentro da cultura de paz.

II – OBJETIVOS

Geral

- Capacitar lideranças de comunidades da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, numa abordagem transdisciplinar, articulada com a metodologia da Terapia Comunitária, voltada para construção de redes e de desenvolvimento sustentável.

A proposta visa possibilitar ações coletivas, a partir do resgate da unidade do Ser, na perspectiva de Educação Integral, valorizando-se o autoconhecimento como recurso de transformação pessoal, social e ambiental, dentro de uma cultura de paz.

Específicos

- Desenvolver a Terapia Comunitária com lideranças comunitárias, visando a mediação de conflitos familiares, prevenção da violência e risco social, buscando a melhoria da qualidade de vida e inclusão social.
- Fortalecer vínculos familiares e comunitários das lideranças locais, respeitando-se a cultura fruto da vivência de cada um, procurando engajar os elementos culturais e sociais ativos da comunidade, revitalizando uma memória afirmativa e contribuindo para uma consciência social.
- Mobilizar os recursos e competências culturais locais, construindo redes sociais de proteção e de acesso às políticas sociais básicas e fortalecimento dos direitos à cidadania.
- Estimular o grupo a usar a sua criatividade e a construir o seu presente e seu futuro, a partir de seus próprios recursos.

III - METODOLOGIA

O binômio Pesquisa - Educação Integral orientou o desenvolvimento da metodologia transdisciplinar, articulada com a Terapia Comunitária pôde ser aplicada em comunidades da Zona Oeste, buscando por meio das ferramentas de ambas, a complementaridade das duas abordagens.

As metodologias utilizadas incorporaram, portanto, um ambiente de ensino-aprendizagem entre os profissionais que desenvolveram a capacitação e as diferentes lideranças locais, onde ambos estiveram interagindo durante todo o processo.

A abordagem transdisciplinar e a pesquisa qualitativa foram o foco da metodologia em questão, visando avaliar a aplicabilidade na formação de lideranças dentro de uma perspectiva de educação integral, num ambiente de ensino-aprendizagem entre os profissionais que desenvolveram a Terapia Comunitária e as próprias lideranças.

O compartilhar de experiências teórico-práticas que estavam acontecendo no mundo acadêmico e nas comunidades de baixa renda favoreceram um salto conjunto do conhecimento, ligando fatos e teorias sobre tecnologia social e a valorização da diversidade humana na perspectiva de Educação Integral.

A utilização de metodologias integradoras foi baseada no estreitamento dos laços de todos os envolvidos, através de um grupo transdisciplinar que possibilitou processos compartilhados, tendo como meta realizar ações concretas e efetivas na criação de redes e desenvolvimento local sustentável nas comunidades atendidas.

Paulo Freire, como grande ícone da Pedagogia Emancipatória, pode ser citado como referência do Educador do século XX, cujos conceitos e práxis na

perspectiva de Educação Integral, apresentam a novidade do paradigma da teoria do conhecimento, que foram articulados no trabalho realizado pela autora.

Segundo Gadotti, a educação para a libertação, na concepção Freireana deve desembocar na práxis transformadora.

“O objetivo final do método é a conscientização. A releitura de sua obra e dos passos de seu método, possuem 4 momentos inseparáveis: ler o mundo; compartilhar a leitura do mundo; a educação como ato de produção e reconstrução do saber e, finalmente a educação como prática da liberdade”. (2002, 4 e 5)

Assim, os espaços comunitários onde foram desenvolvidas as duas abordagens da Terapia Comunitária e da Transdisciplinaridade se constituíram enquanto cenário e, como sublinhado por Paulo Freire é fundamental a troca de saberes - integrando a todos numa criação e recriação do conhecimento comumente compartilhados. (FREIRE, 1997, 223)

Os instrumentos e técnicas foram aplicados e analisados por meio de questionários com os participantes dos grupos da Terapia Comunitária, para avaliação dos resultados de processo no desenvolvimento das abordagens, medindo seu impacto na vida das lideranças que foram capacitadas.

Nesse sentido, o referencial teórico que norteia a abordagem Transdisciplinar, segue o princípio holístico.

“Ter uma visão holística significa ter o sentido de total, de conjunto, de inteiro, em que o universo é considerado como uma totalidade formada por dimensões interpenetrantes: as pessoas, as comunidades, unidas no meio biofísico”. (LIBÂNEO, 2005, 11)

A metodologia da Terapia Comunitária está alicerçada nos aportes da antropologia cultural, teoria da comunicação, teoria geral dos sistemas e resiliência, construída de forma coletiva com todos os atores envolvidos, tendo como ponto de partida, a compreensão da lógica das lideranças locais.

Os espaços da Terapia Comunitária foram realizados em encontros na própria comunidade, desencadeando um processo que possibilitou a integração harmoniosa com as lideranças em suas dimensões: corpo, sentimento, mente e espírito, sendo instrumentos de rompimento com a visão fragmentária do ser e do mundo.

Desta forma, destacamos alguns elementos básicos que foram aplicados na metodologia da Terapia Comunitária:

- A discussão e a realização de um trabalho de saúde preventiva, procurando engajar todos os elementos culturais e sociais ativos da comunidade: lideranças, agentes de saúde, educadores, artistas populares, religiosos, entre outros;
- A ênfase no trabalho de grupo, promovendo a formação de grupos de mulheres, jovens, associações, para que juntos, buscassem soluções para problemas cotidianos e pudessem funcionar como escudo protetor para os mais frágeis, sendo instrumentos de agregação social;
- A criação gradual da consciência social, para que os indivíduos tomassem consciência da origem e das implicações sociais da miséria e do sofrimento humano e, sobretudo, para que descobrissem suas potencialidades e competências transformadoras.

A Terapia Comunitária se propôs a ser um instrumento transformador de sofrimento, das “dores da alma”, partilhando os sofrimentos e descobertas. O grupo

coletivamente foi trazendo suas experiências e compartilhando suas vivências de forma solidária, valorizando os aspectos culturais da comunidade, as relações sociais, familiares e competências pessoais.

O primeiro grande pilar da Terapia Comunitária, a teoria geral dos sistemas remete a compreensão de que os indivíduos fazem parte do todo e o todo está na parte. O fundamento é que a inserção consciente do indivíduo ao grupo estabelece uma rede relacional entre as várias partes do todo, possibilitando mecanismos de um trabalho em rede por meio da autoregulação, proteção e crescimento.

Os mecanismos foram trabalhados no grupo enquanto sistema que envolve os problemas pessoais, familiares, comunitários e sociais que teceram uma rede de eventos e fatos, compartilhados na roda, onde todos se sentiram corresponsáveis pelas temáticas trazidas na discussão: “eu sou parte do problema e sou parte da solução”.

A teoria da comunicação é vista na metodologia da Terapia Comunitária como toda ação comportamental: cada ato, verbal ou não, individual ou grupal tem um valor de comunicação.

No grupo as múltiplas possibilidades e sentidos de pertencimento, foram interligados ao comportamento do indivíduo que trazido pela sua experiência, estabeleceram uma comunicação com o outro, através da música, da poesia e das várias formas de comunicação sociocultural.

A antropologia cultural é concebida na Terapia Comunitária, a partir das referências locais, tendo a cultura como arcabouço da identidade societária. A diversidade cultural foi a fonte de riqueza do grupo, que permitiu os vários olhares

sob diferentes pontos de vista, trazendo a tona os potenciais de crescimento e resolução de problemas aparentemente individuais.

E, por fim, a resiliência parte da valorização da experiência pessoal que foi compartilhada de forma solidária no grupo da Terapia Comunitária. O princípio é que uma das fontes importantes do conhecimento nasce da história pessoal e familiar de cada indivíduo. Os relatos da história de vida foram refletidos e socializados, conferindo ao indivíduo que as relatou, a segurança pela sua vivência, a competência e sabedoria experimentada a partir dela (no sentido do conhecimento saboreado). As crises, sofrimentos e aprendizados foram a matéria prima para o trabalho de autoconhecimento e autoaceitação.

Assim, as duas abordagens metodológicas da Transdisciplinaridade e da Terapia Comunitária foram desenvolvidas de forma articulada com uma visão de Educação Integral voltada para a cultura de paz, que trouxeram como cenário as comunidades das favelas do município do Rio de Janeiro.

A utilização das abordagens transdisciplinar associada à Terapia Comunitária, na perspectiva de Educação Integral permitiu, em síntese, como descrito por Nicolescu:

“... um olhar multidimensional sobre sujeito e o objeto... remetendo-nos assim aos diferentes níveis de percepção do sujeito e aos diferentes níveis de realidade do objeto” (NICOLESCU, apud SOMMERMAN, A. MELLO, M.F, BARROS, U.M. –orgs.. 2002, 12).

IV – CARACTERIZAÇÃO DAS COMUNIDADES DA ZONA OESTE E OS RESULTADOS DA TERAPIA COMUNITÁRIA – UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR

Para demonstrar alguns dados sociodemográficos das comunidades da Zona Oeste, onde foi desenvolvida a Terapia Comunitária, numa abordagem transdisciplinar foram utilizados alguns indicadores que pudessem caracterizar os bairros, das duas regiões administrativas de Campo Grande e Santa Cruz, onde residiam as lideranças locais.

Os dados foram sistematizados pelo Instituto Pereira Passos/ IPP, órgão da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, a partir do IBGE-Censo/ 2010 (disponível no site: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br).

Sobre os dados populacionais, a tabela abaixo demonstra a grande concentração de população residente nas duas Regiões Administrativas da Zona Oeste, foco onde foi desenvolvido o trabalho. Trata-se de duas regiões mais empobrecidas da cidade, caracterizando-se pela falta de infraestrutura básica a seus moradores, porém com um grau elevado de participação comunitária.

População residente, número de domicílios particulares ocupados e média de moradores em domicílios particulares ocupados, segundo Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas - Município do Rio de Janeiro - 2010

Áreas de Planejamento e Regiões Administrativas	População residente	Domicílios particulares ocupados	Média de moradores em domicílios particulares ocupados
Total Município	6 320 446	2 146 340	2,94
<i>Área de Planejamento 5 Zona Oeste</i>	<i>1 704 773</i>	<i>534 606</i>	<i>3,19</i>
XVIII Campo Grande	542 084	171 797	3,15
XIX Santa Cruz	368 534	112 689	3,26

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010.

O quadro acima demonstra que enquanto a média de moradores em domicílios particulares ocupados no município é de 2,94%, nas duas regiões

administrativas da Zona Oeste, essa média sobe para 3,15% e 3,26%. Assim, os dados mostram a concentração populacional das duas áreas com relação ao município do Rio.

Outro fator importante a ser analisado na caracterização das comunidades da Zona Oeste refere-se à participação de lideranças femininas nos trabalhos comunitários, e nos encontros da Terapia Comunitária, não era o contrário.

No trabalho com lideranças comunitárias a participação das mulheres sempre foi mais expressiva. As mulheres além de representar em sua maioria como arrimo das famílias, são elas que assumem os papéis de lideranças locais junto aos órgãos públicos, reivindicando melhores condições de vida e o acesso às políticas sociais básicas.

Os dados abaixo do Censo-2010 demonstram a população residente por sexos, nas duas Regiões Administrativas na Zona Oeste, com relação ao Município.

População residente¹ por sexo e razão de sexos, segundo as Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas - Município do Rio de Janeiro - 2010

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas	Sexo		Razão de sexos ²
	Homens	Mulheres	
Total do Município	2 959 817	3 360 629	88
<i>Área de Planejamento 5</i>	<i>818 192</i>	<i>886 581</i>	<i>92</i>
XVIII Campo Grande	258 078	284 006	91
XIX Santa Cruz	177 205	191 329	93

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

Notas: (1) A população residente é constituída pelos moradores do domicílio na data de referência.

(2) Número de homens para cada grupo de 100 mulheres, na população residente em determinado espaço geográfico, no ano considerado.

Nesse sentido, a tabela acima revela a porcentagem da razão de sexos das duas regiões administrativas da Zona Oeste (Campo Grande, 91% e Santa Cruz, 93%) o percentual é maior que ao do município, equivalente a 88%.

E por fim, analisaremos nas características gerais da população da Zona Oeste, os indicadores que dizem respeito ao rendimento domiciliar das famílias, em comparação com o município do Rio.

A renda dos moradores da área de planejamento que compreendem as regiões administrativas de Campo Grande e Santa Cruz, como indicado no quadro abaixo, demonstra que a grande faixa se concentra entre sem rendimentos até 1 salário mínimo, do total de domicílios particulares permanentes.

Trata-se de uma área de planejamento mais empobrecida da cidade, cujas famílias tem dificuldades de acesso a bens e serviços públicos, se comparado aos dados gerais de renda do município.

Domicílios particulares permanentes¹ por classes de rendimento nominal mensal domiciliar per capita, segundo as Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas - Município do Rio de Janeiro - 2010

Áreas de Planejamento, Regiões Administrativas	Total ⁴	Sem rendimento ³	Salário mínimo ²								Não declarado	
			Até 1/8	Até 1/4	Mais de 1/4 a 1/2	Mais de 1/2 a 1	Mais de 1 a 2	Mais de 2 a 3	Mais de 3 a 5	Mais de 5 a 10		Mais de 10
Total do Município	2 144 445	92 607	11 918	72 280	232 362	506 583	508 352	213 735	211 378	197 242	108 409	1 497
Área de Planejamento 5	534 278	27 606	5 204	30 255	86 893	165 485	138 252	43 581	28 129	12 019	2 013	45
XVIII Campo Grande	171 702	7 991	1 392	8 402	25 365	51 172	45 881	16 090	10 937	5 030	820	14
XIX Santa Cruz	112 598	7 352	1 904	9 641	22 701	36 525	25 039	6 423	3 402	1 262	250	3

Fonte: IBGE - Censo Demográfico 2010

Notas (1) É o domicílio que foi construído a fim de servir exclusivamente para habitação e, na data de referência, tinha a finalidade de servir de moradia a uma ou mais pessoas.

(2) Salário mínimo utilizado: R\$ 510,00.

(3) A categoria Sem rendimento inclui as pessoas com rendimento domiciliar per capita nominal mensal somente em benefícios.

(4) A categoria Total inclui os domicílios particulares permanentes sem declaração de rendimento nominal domiciliar per capita.

Para concluir, podemos dizer que as características locais, marcadas pelas conquistas comunitárias, como água, luz, creches e equipamentos sociais foram pontos de discussões com as lideranças durante os encontros da Terapia Comunitária.

A trajetória de seus moradores nesse contexto, sempre foi no sentido de reforçar e ampliar as redes de desenvolvimento local, que pudessem dar suporte aos processos de ações coletivas e solidárias, reativando e acessando seus direitos à cidadania.

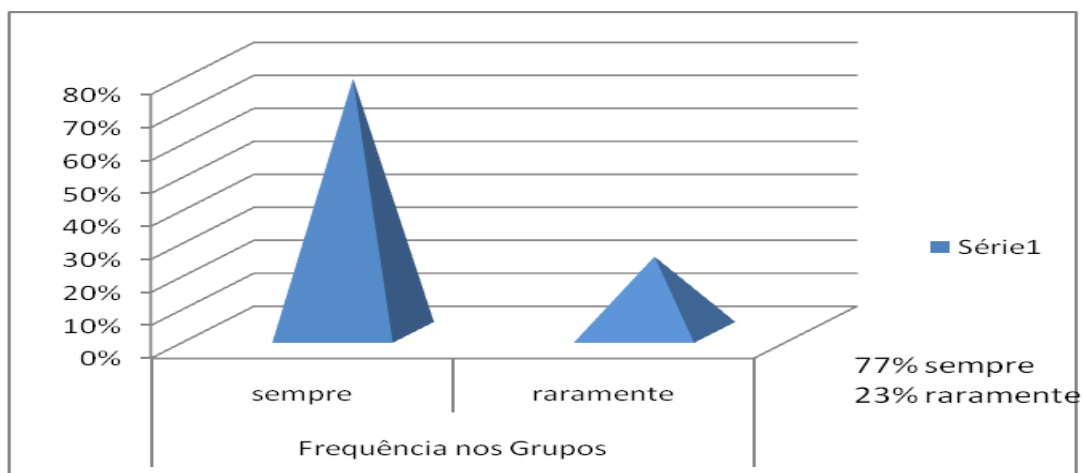
A partir do desenvolvimento da Terapia Comunitária com a participação de lideranças das comunidades na Zona Oeste, foi aplicado após cada encontro, um questionário, apurando 04 dimensões de seus resultados.

- mudança na autoestima dos participantes;
- qualidade das relações familiares;
- acesso à rede de serviços e benefícios sociais;
- participação comunitária.

1. Mudança na autoestima dos participantes

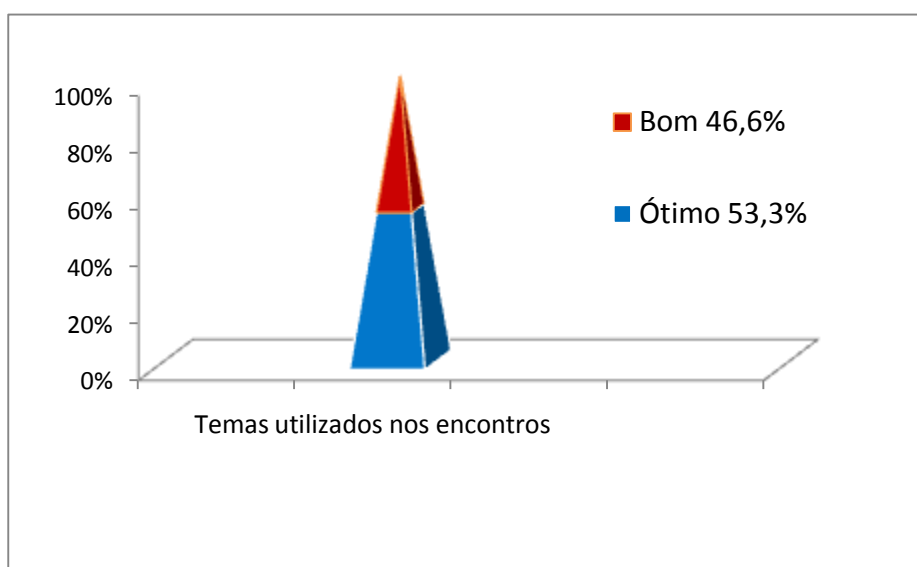
Um dos indicativos da mudança quanto à autoestima, dizia respeito à motivação das lideranças em participar dos encontros da Terapia Comunitária.

Os resultados abaixo demonstram que 77% dos participantes freqüentaram assiduamente os encontros de grupo, enquanto 23% obtiveram uma freqüência baixa.



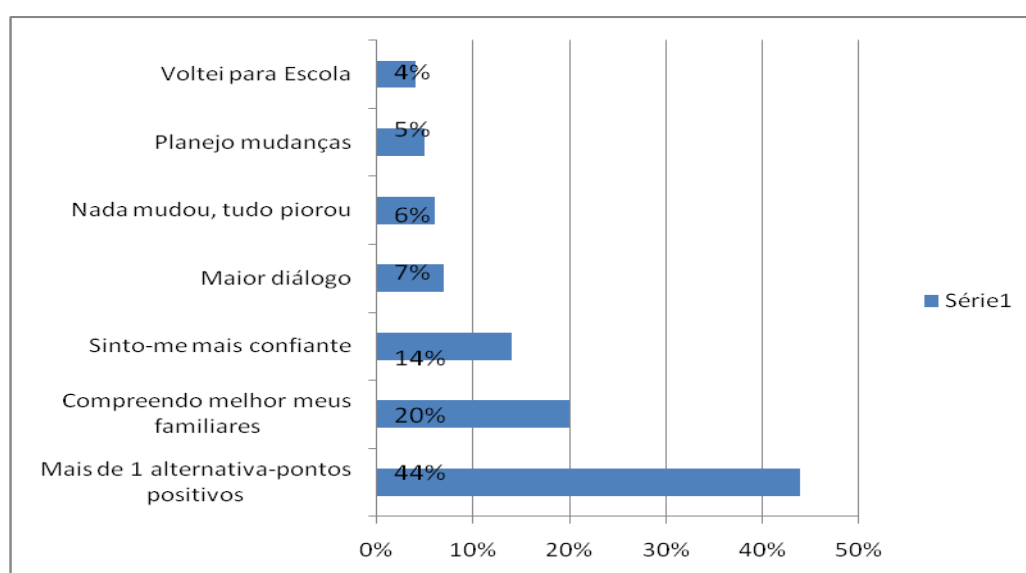
Quanto aos temas utilizados pelo profissional nos encontros de grupo, mais da metade dos responsáveis (53,3%) assinalaram que foram temas ótimos. Os vínculos foram reforçados entre os participantes e os profissionais, e a maioria avaliou positivamente os temas utilizados nos encontros com o grupo, como demonstrado abaixo.

Sabe-se que no trabalho social com famílias, há uma relação entre a frequência dos responsáveis aos grupos e o vínculo de confiança que as famílias estabelecem entre si e com os profissionais. Quanto mais forte este vínculo de confiança, maior a possibilidade dos participantes revelarem as dificuldades que enfrentam em seu contexto familiar.



A autoestima em síntese é confiança no modo individual de pensar e de enfrentar os problemas, bem como o reconhecimento do direito de ser feliz. O trabalho grupal pode resultar na melhoria da confiança em si e nos outros.

Como podemos ver no gráfico 44% dos participantes dos encontros de grupo, revelaram mudanças em sua postura pessoal e na dinâmica familiar que vinha se desenvolvendo até então. Dentro deste percentual, destaca-se 20% dos participantes revelando que estão compreendendo melhor seus familiares.

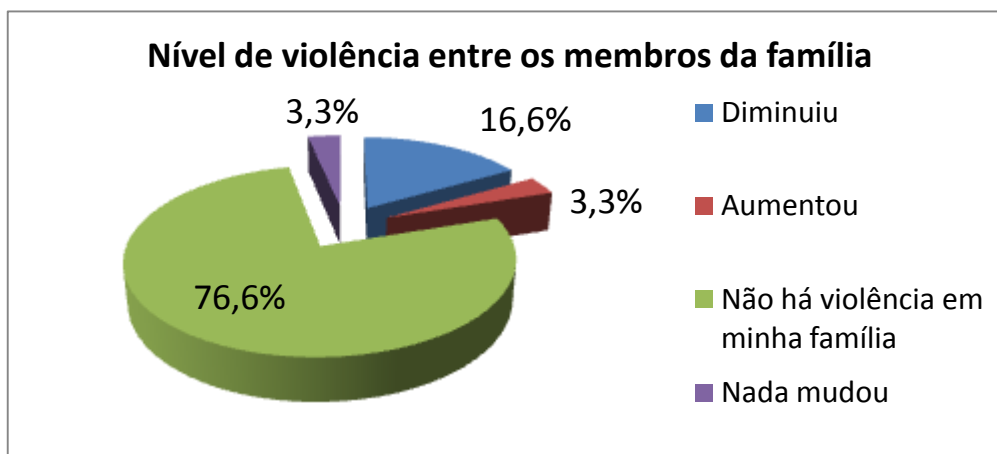


A autoconfiança também tem uma melhora expressiva nos relatos - 14% e a questão do diálogo representa 7% das respostas dos participantes, onde uma minoria diz não ter havido nenhuma mudança e/ou tudo piorou (6%).

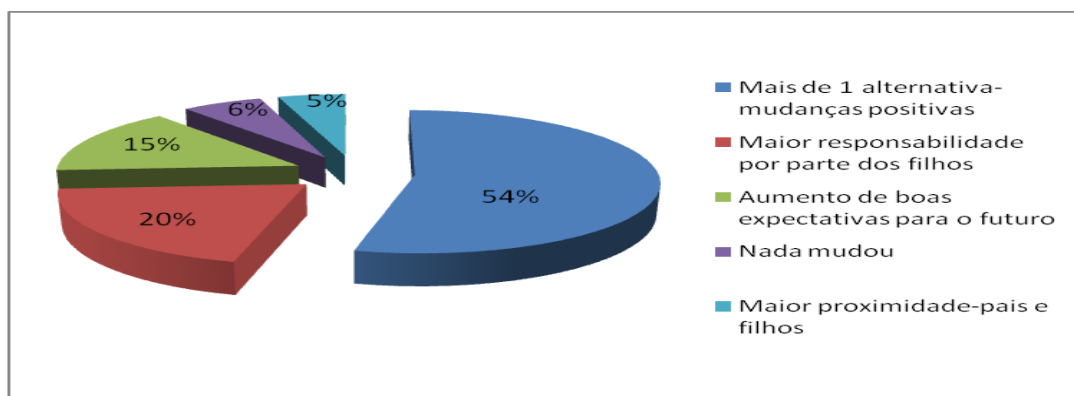
2. Mudança na qualidade das relações familiares

Outra questão importante nas mudanças trazidas nos encontros da Terapia Comunitária diz respeito à qualidade das relações familiares reconhecidas pelos participantes do grupo. Como veremos abaixo, apesar da maioria relatar de não

haver violência na família (76,6%), a porcentagem dos que referem que ela diminuiu representa 16,6%, contra 3,3% daqueles que dizem ter aumentado.



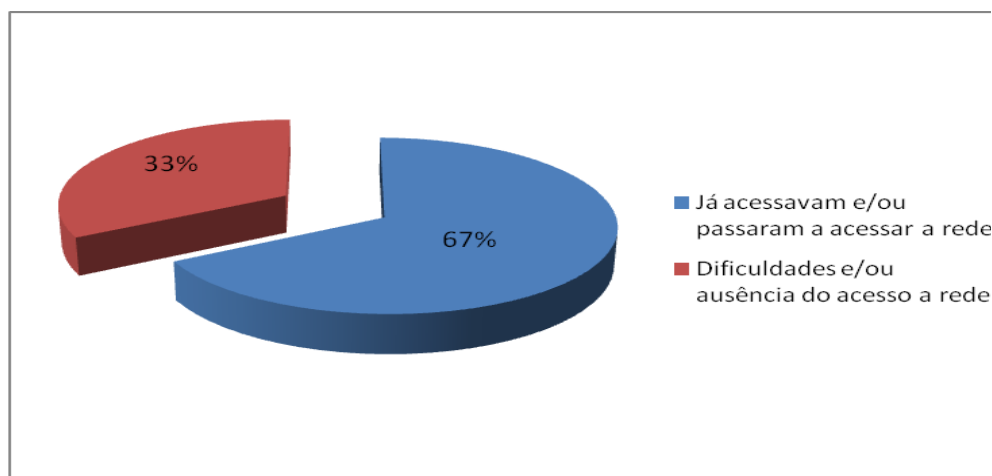
Ainda avaliando as mudanças ocorridas no núcleo familiar, o quadro abaixo indica as transformações analisadas pelos participantes quanto à educação dos filhos e o comportamento dos mesmos. Em 54% lideranças avaliam como positivas as mudanças comportamentais dos filhos, respondendo a forma qualitativa das relações que conseguiram implementar no núcleo familiar. Destaca-se nas mudanças, 20% analisam que os filhos assumiram maior responsabilidade com os estudos, 15% relatam que houve um aumento de boas expectativas para o futuro, 6% referem que não houve nenhuma mudança e 5% afirmam que conseguiram uma maior aproximação com os filhos.



3. Acesso à Rede de Serviços e Benefícios Locais

A dimensão do acesso à rede de serviços e benefícios locais é parte fundamental para a análise dos resultados da efetividade na metodologia da Terapia Comunitária e na abordagem transdisciplinar.

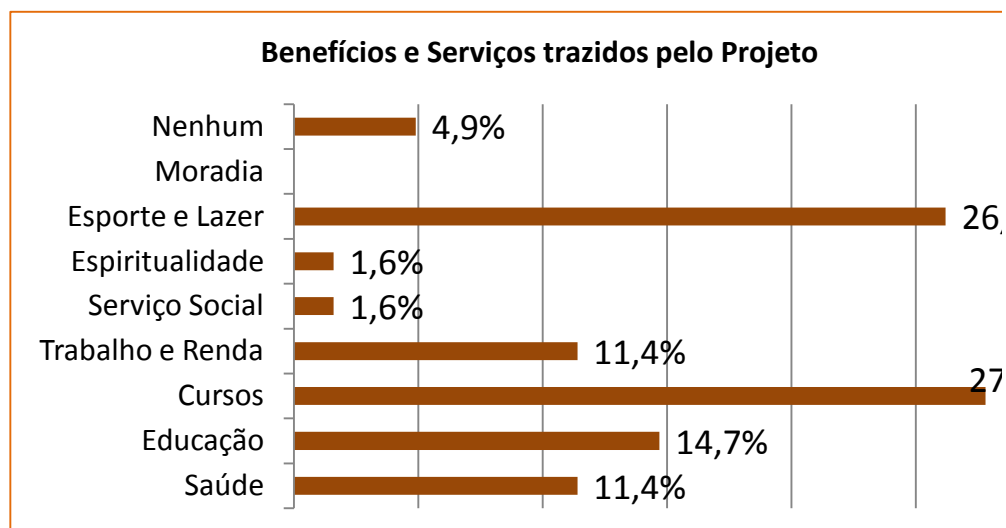
O quadro abaixo demonstra que 67% das lideranças ou já acessavam ou passaram a acessar a rede existente no território onde moram e apenas 33% relatam ainda ter dificuldades para este acesso, ou mesmo ausência da retaguarda de serviços.



O outro quadro abaixo, demonstra os resultados trazidos pela Terapia Comunitária, corroborando com os objetivos da proposta da metodologia participativa, que implementada por meio da abordagem transdisciplinar, possibilita a potencialização e construção das redes sociais.

Assim, as práticas comunitárias se tornam mais eficazes quando implementadas através de redes solidárias e de uma educação voltada para a paz. O acesso a bens e serviços é compartilhado nas rodas entre os participantes, a partir de suas próprias experiências, trazendo as vivências

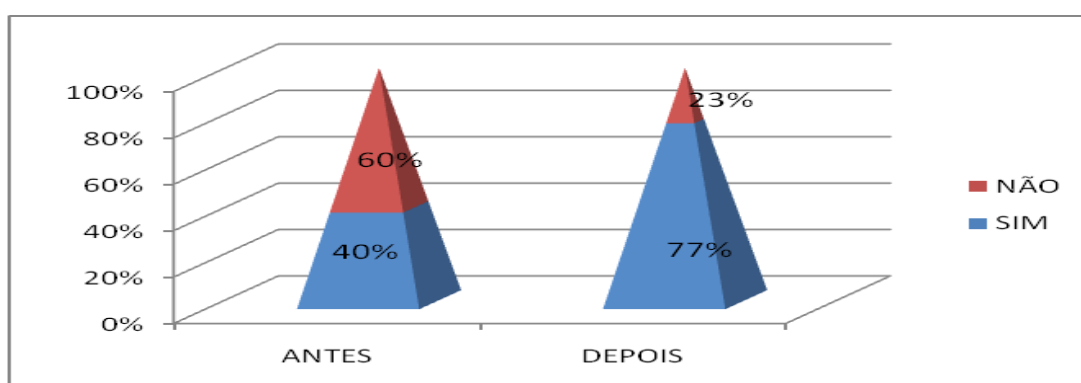
pessoais para o campo do território do aprendizado coletivo.



4. Participação Comunitária das Famílias

Outro resultado importante diz respeito à participação das lideranças locais antes e depois do desenvolvimento da Terapia Comunitária.

O gráfico abaixo demonstra que essa participação aumentou de 40% para 77% após a aplicação das metodologias.



5. Educação Integral e Transdisciplinaridade

A partir dos resultados apresentados acima, pode-se concluir que a construção de redes e desenvolvimento sustentável, através dos encontros da

Terapia Comunitária, pode ser lograda com a capacitação de lideranças locais, nas comunidades da Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, por meio da abordagem transdisciplinar.

O olhar transdisciplinar, articulado ao desenvolvimento da Terapia Comunitária, permitiu aos participantes, o autoconhecimento, a busca das competências, possibilitando processos de mudança, numa perspectiva de Educação Integral. Para isso, foram utilizadas abordagens metodológicas que puderam trabalhar os elementos do ser, o estar no mundo e na comunidade.

A Educação Integral vem ressignificando o conceito de aprendizagem e cada vez mais se comprometendo com o referencial teórico que entende o sujeito como um todo, valorizando o seu percurso cognoscente, desde o seu nascimento, suas interações ambientais e suas possibilidades de transformação.

Em termos conceituais, esse aporte privilegia a compreensão do movimento que o sujeito do conhecimento realiza no seu processo de construção de aprendizagem, visto como interação ativa e inteligente à realidade social e ambiental.

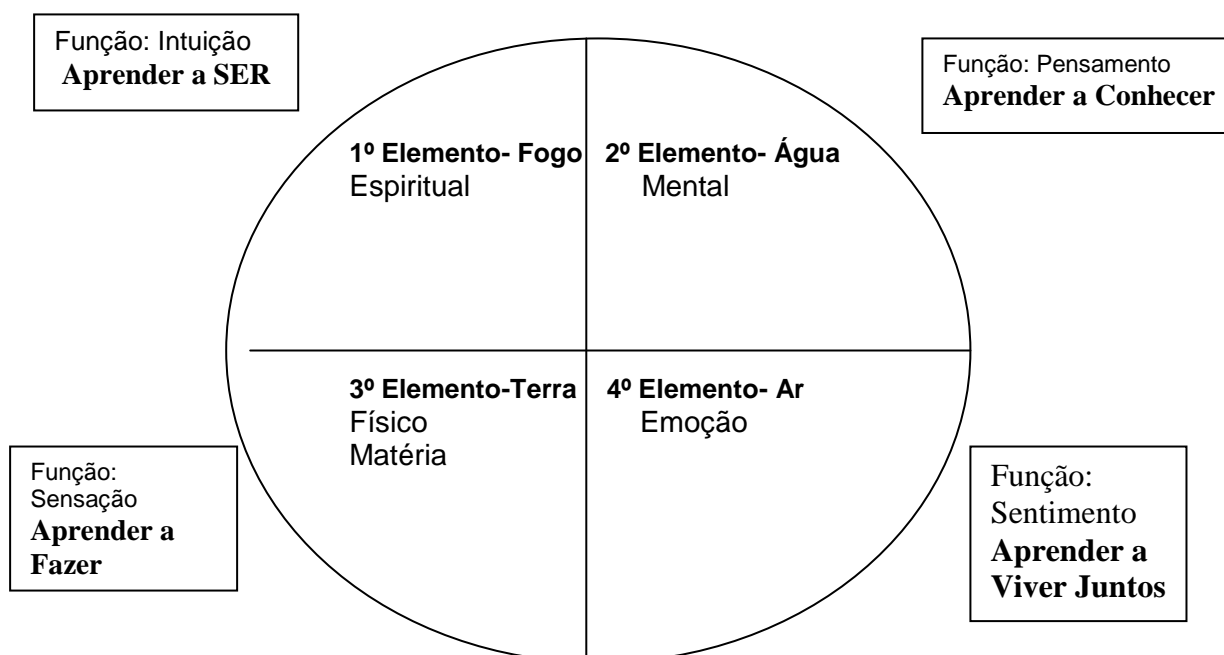
A aprendizagem é, sobretudo, um processo de mudança resultante de prática ou experiência anterior que se manifesta em comportamentos perceptíveis e que são compartilhados entre os seres humanos, nas relações que estabelece em seu meio familiar, social e ambiental.

Neste sentido, a metodologia Transdisciplinar converge com a proposta de Educação Integral, pois transgride as fronteiras das várias ciências unificando conhecimentos e produzindo um novo saber.

“ A Transdisciplinaridade é uma teoria do conhecimento, é a uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber.. é uma arte, no sentido da capacidade de articular a multirreferencialidade e a mutidimensionalidade do ser humano e do mundo” (SOMMERMAN, A. MELLO, M.F. BARROS, V.M. (orgs): 2002, 9 e 10)

A Educação Integral, foco principal da proposta que foi desenvolvida na capacitação de lideranças, nas comunidades da Zona Oeste, integrou as metodologias cujo princípio Holográfico reforça a necessidade de uma visão global do ser humano, entrelaçando os diferentes níveis do sujeito (físico, emocional, mental e espiritual), bem como suas funções psíquicas (sensação, sentimento, pensamento e intuição).

Assim, o paradigma transdisciplinar compreendeu como bases para uma nova Educação Integral e seus 4 pilares, os quadrantes da vida humana, ou quatro dimensões do ser humano, como demonstrado abaixo, interrelacionando suas funções psíquicas, os elementos da Natureza e o processo de aprendizagem:



As estratégias educacionais foram minuciosamente planejadas no contexto das comunidades envolvidas, demonstrando, através de seus resultados que foi possível desenvolver nas pessoas suas habilidades e todo seu potencial sinérgico, necessário ao convívio social, voltado para a cultura de paz: paz no corpo, na mente, nos sentimentos e no espírito.

Segundo Moacir Gadotti, ao referenciar *o método de Paulo Freire para uma educação como prática da liberdade*, ele afirma:

“a politicidade do conhecimento é o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). A educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto”. (2002, 5)

O território de vivências comunitárias, nesse sentido, foi o cenário da politicidade da troca de saberes, como traduzido acima por Gadotti, onde puderam ser saboreadas na essência, o paradigma baseado na condição planetária da existência humana, da utopia realizável como fundamentado pela UNIPAZ.

Para finalizar, podemos sublinhar a mudanças que puderam ser vivenciadas por meio de processos do ensino-aprendizagem, trazidos pela abordagem transdisciplinar:

“A transdisciplinaridade transforma nosso olhar sobre o individual, o cultural e o social, remetendo para a reflexão respeitosa e aberta sobre as culturas do presente e do passado, do Ocidente e do Oriente, buscando contribuir para a sustentabilidade do ser humano e da sociedade”. (SOMMERMAN, A. MELLO, M.F. BARROS, V.M. - orgs: 2002, 10)

V – CONCLUSÕES

O paradigma transdisciplinar que orientou a análise dos resultados do trabalho realizado está alicerçado em uma visão de mundo que comporta os contrários, o individual e o coletivo. É sustentado por uma metodologia, cujos aportes teóricos permitem tecer no âmago das relações, o diálogo entre as diferenças, a cooperação e a preservação dos recursos naturais, como compromisso para as gerações futuras.

A abordagem transdisciplinar facilitou a dinâmica do processo de ensino aprendizagem, na perspectiva de Educação Integral, pois foi considerado todo o material simbólico trazido pela comunidade durante o desenvolvimento da Terapia Comunitária: temas, experiências vividas, cultura local, expectativas, conflitos familiares, rede de serviços, entre outros elementos.

Assim, podemos concluir que os 4 pilares da Educação Integral do século XXI foram trabalhados nos encontros da Terapia Comunitária, durante as capacitações de lideranças de comunidades da Zona Oeste, do município do Rio de Janeiro de forma associada com o binômio que interrelacionam esses sujeitos históricos com as 4 funções psíquicas do ser humano:

- função sensação – aprender a fazer
- função sentimento – aprender a viver juntos
- função pensamento – aprender a conhecer
- função intuição – aprender a ser

A proposta de Educação Integral a partir dos resultados do trabalho realizado e, apresentada no presente artigo demonstra que, o desenvolvimento de lideranças

comunitárias, requer sua participação ativa, não num contexto isolado, mas na articulação de redes de intervenção intersetoriais e transcultural.

A abordagem transdisciplinar parte, portanto, da convicção de que todos os atores e toda sociedade devem igualmente ser corresponsabilizados na construção de um conjunto de ações, recursos e projetos comuns.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, M. Tornar real o possível: a formação do ser humano integral, economia solidária, desenvolvimento e o futuro do trabalho, Petrópolis, RJ, Vozes, 2006.

AUSLOOS, G. A Competência das famílias – Tempo, caos, processo. Lisboa, CLIMEPSI Editores, 1996.

BARRETO, A.P. Terapia Comunitária – passo a passo. Fortaleza. Gráfica LCR, 2005.

D'AMBRÓSIO, U. CREMA, R. WEIL, P. Rumo à Nova Transdisciplinaridade. Editora SUMMUS, 1993.

DELORS, J. Educação: um tesouro a descobrir. 2ª Ed. SP. Cortez, Brasília, DF: MEC/ UNESCO. 2003.

FREIRE, Paulo. Medo e Ousadia, Cotidiano do Professor. 7ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1997.

_____. Educação Como Prática da Liberdade. RJ, Paz e Terra, 1999.

_____. Educação e Mudança. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1979.

GADOTTI, Moacir. Los Aportes de Paulo Freire a La Pedagogia Critica. In: Revista Científica, 2002, Educacion, Vol.26, Nº 002, Universidad de Costa Rica, pp. 51-60. –

(<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/440/44026207.pdf>)

IBGE, CENSO-2010. Disponível em: www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. Acesso em: 15 jul.2012.

IBGE, <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/> . Acesso em: 31 ago.2012.
www.armazemdedados.rio.rj.gov.br. IPP. Instituto Pereira Passos. Órgão da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

LIBÂNEO, J.C; **SANTOS**, A. (Orgs.) Educação na era do Conhecimento em Rede e Transdisciplinaridade. Campinas, Alínea, 2005

MENDES, E. V. (Org.). Distrito Sanitário, o processo social de mudança das práticas sanitárias do Sistema Único de Saúde. São Paulo, HUCITEC/ ABRASCO, 4ª Ed.,1999.

_____. “Novo paradigma Sanitário: a produção da saúde”, in *Por uma Agenda para a Saúde*. São Paulo, HUCITEC/ABRASCO, 1999.

NICOLESCU, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade. Tradução Lucia Pereira de Souza. São Paulo, TRIOM, 1999.

PINHEIRO, D.P.N. A resiliência em discussão. 2004. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n1/v9n1a09.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2010.

SOMMERMAN, A. **MELLO**, M.F. **BARROS**, V.M. (orgs). Educação e Transdisciplinaridade II. Editora Triom, São Paulo, 2002.

WEIL, P. Relações humanas na família e no trabalho. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1995.

_____, P. A Arte de viver a vida. 2ª Ed., Letrativa, Brasília, 2004.